

A análise de Anna Freud por seu pai

Sobre a transmissão transgeracional

Luiz Eduardo Prado,¹ Rio de Janeiro

Resumo: O autor parte do princípio metodológico da convergência cronológica entre artigos psicanalíticos, a primeira análise de Anna Freud e seu desenlace homossexual. Estuda as consequências dessa análise sobre sua prática analítica e o que dela decorreu. Sugere como Ferenczi pode ter teorizado o que assistia.

Palavras-chave: simbiose, Freud, Burlingham, Andreas-Salomé, Ferenczi

Talvez nunca uma análise tenha sido objeto de um relato mais fiel do que o que podemos ler em “Fantasias de surra e devaneios” (1922/2020), de Anna Freud, sobretudo se o lemos em paralelo a “Bate-se numa criança” (1919/2020), de seu pai, textos que correspondem ao tratamento analítico que existiu entre eles. Lembro que temos tentado avançar através da metodologia psicanalítica proposta por Freud de articulação entre conceitos e dados biográficos (Colabone & Prado de Oliveira, 2022, pp. 43-203). O presente trabalho segue esse percurso. É durante a análise de uma filha pelo pai que intervém a redação do artigo sobre a pulsão de morte, o escrito parafraseando algo ao mesmo tempo teórico e existencial. A partir de 1923, quando se declara o tumor de Freud, sua dependência em relação à filha é tamanha, a intimidade entre eles é tal, que a noção de um tratamento analítico doméstico se torna ainda mais problemática.

Contrariamente às suposições tradicionais de dois períodos de análise de Anna com o pai, primeiro entre 1918 e 1922, em seguida entre 1924 e 1925, ou tais períodos se multiplicam, ou a vida desse pai e dessa filha foi uma longa análise, visto que as observações clínicas de Freud tendo a filha como objeto começam quando ela é ainda bebê e se prolongam além de seus 30 anos. De fato, a correspondência de Anna com as amigas menciona até mesmo várias sessões por dia em anos ulteriores àqueles apontados. Essa prática de análises intermináveis é reconduzida por Anna junto a seus pacientes mais íntimos.

1 Psicanalista. Membro do Espace Analytique, Paris, e do Grupo de Estudos Sándor Ferenczi. Professor emérito de história da psicanálise e de psicopatologia. Psicoterapeuta e psicólogo clínico no Centro Hospitalar Sainte-Anne, Paris.

Sobre a teoria

Em 1920, Freud publica *Além do princípio de prazer*, ou *do prazer*, texto revolucionário, que modifica de maneira radical o percurso da psicanálise. Nesse mesmo ano publica “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, ambos durante a análise de sua filha. Em 1922, Freud escreve “Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade”. Mais uma vez, outra convergência teórica aparece com a análise da filha. Em 31 de maio de 1922, Anna Freud apresenta à Sociedade Psicanalítica de Viena o trabalho “Fantasias de surra e devaneios”, relatando o caso de uma criança em tratamento analítico, e que sabemos ter sido ela mesma. Baseia seu texto no escrito de Freud “Bate-se numa criança”, cuja redação foi iniciada pouco depois do começo da análise de sua filha, e para o qual ela serve como exemplo. No final de sua segunda análise, em 1925, Anna escolhe como companheira de vida Dorothy Burlingham.

Ernest Jones (1989, pp. 268-287) e Jean Laplanche (2013, p. 163) consideram “Bate-se numa criança” essencial para a compreensão de *Além do princípio de prazer*. E por que não “O inquietante”, cuja redação se dá entre ambos? De fato, o que existiria de mais inquietante que analisar uma filha, Antígona, e ter notícias de si mesmo através dela? Ver-se um na outra refletido? “Ter notícias de si mesmo através de um outro” é como os surrealistas definem o amor – no caso, o amor de transferência, ausente dos dois textos, de pai e filha, mas certamente ativo em sua análise. Gilles Deleuze (2014, p. 109) sublinha a relação entre *Além do princípio de prazer* e os escritos de Freud sobre sadismo e masoquismo, tese coerente com as de Jones e Laplanche e com a análise de Anna. De minha parte, considero todos os textos de Freud sobre a sexualidade feminina como marcados pela análise de sua filha. Até mesmo em “Análise terminável e interminável”, de 1937, ele parece evocá-la através da referência a Ferenczi. Mostrei que *Além do princípio de prazer* carrega o exemplo do *fort-da* vindo do diário de Sophie Halberstadt-Freud. O que mais *fort-da* do que a masturbação de que sofre Anna? Qual maior compulsão de repetição (Prado de Oliveira & Colabone, 2022, pp. 69-100)? A presença da vida familiar de Freud em seus textos teóricos sendo um dos fundamentos da psicanálise desde *A interpretação dos sonhos*, e até antes, seus dois textos sobre a homossexualidade feminina serão considerados como um deslocamento a partir da análise de sua filha. Desde 1956, Jacques Lacan (1995, pp. 112-152) percebe a proximidade entre “Bate-se numa criança” e o relato do caso de homossexualidade feminina. O que parece desconhecer é o tratamento analítico entre Freud e Anna.

Anna Freud

Do que sofre essa moça? Aos 22 anos, sem nunca ter namorado, o pai tendo afastado todos os seus pretendentes (o que ela aprendeu a fazer sozinha), ela sofre de dores pelo corpo, dores nas costas, enxaquecas invalidantes. Ela sofre, sofre, sofre ainda de inibição social, retraimento, indecisão, timidez excessiva. Tudo começou, lembra ela, com seus fantasmas de ser surrada, tão intensos que só a masturbação os atenuava. Se masturbava demais. Havia os fortes, os adultos, os fracos, as crianças, a punição por algo errado. Isso é o que aparece em “Fantasias de surra e devaneios”. Pouco a pouco, esses fantasmas foram recobertos pelo que ela chama de “belas histórias”, histórias cor-de-rosa onde ela aparece como pajem de um poderoso nobre, poderoso e delicado, atento a ele, ela sendo agora um menino. Exceto que a bondade desse nobre, por um nada, torna-se maldade, e ele o castiga, castiga a ela, o menino, de diferentes maneiras, e são belas histórias, tão excitantes que ele se masturba. Se masturba demais, noite e dia, dia e noite. Isso é o que lembra, que sua suposta paciente menina conta a ela, e que de fato ela contava ao pai, relato em que ela é tanto a menina quanto o pai ou o menino. “Bate-se numa criança” conta outra parte da história. Enfim, as “belas histórias” dessa menina/menino que apanhava tanto, e tanto se masturbava, se transformam em teoria analítica, dela e do pai. Isso é o que contam uma ao outro, e a história da psicanálise, que reduz bastante os períodos dessa análise (Young-Bruehl, 1991, pp. 93-127). Em suma, chegando aos 30 anos, virgem e solteirona, Anna teria passado seis anos de sua vida em análise com o pai. E que análise! Em certos períodos, seis ou mais vezes por semana. Quando não se uniam em sessões de análise, eram passeios, conversas, férias juntos. Tudo isso é o que as histórias contam.

E o que mais contam? Que esqueceram Anna Freud num jardim, o que ela lembrou escrevendo “Sobre perder e ser perdida”, pura teoria (A. Freud, 1967, pp. 9-19; Young-Bruehl, 1991, pp. 28-29 e 259-296). Contam ainda que Martha Freud não desejava essa filha; que o marido insistiu tanto, tanto, que Martha viajou logo depois do parto, sendo essa a única de suas crianças a quem não amamentou nem cuidou, confiando-a a uma babá, Josefina. E que seu marido, que fez vasectomia então, também viajou, deixando a menina com suas filhas, Mathilde e Sophie, e com a babá. A história, porém, não é simples, e as versões variam, às vezes até para um mesmo historiador. Para Young-Bruehl (1991, pp. 24-25), tudo se passou muito bem entre os pais e com as irmãs, ainda que ela descreva situações confusas, e mesmo caóticas, de conflitos familiares. Para Elisabeth Roudinesco (2012, pp. 12-14), a vida dessa família era bem complicada. E como não o seria, se o ciúme que Anna sente em relação às irmãs só pode provir de outros ciúmes e rivalidades entre as mulheres da família? Que o inconsciente se transmite entre gerações é o

que Freud mostra desde que introduz o conceito de narcisismo até seu estudo sobre Moisés. Sabemos que Sigmund via essa filha como uma irmã da psicanálise pela carta que lhe escreve em 6 de dezembro de 1920, quando compara a idade de ambas (S. Freud & A. Freud, 2012, p. 286). Anna nasce em 3 de dezembro de 1895. Em 13 de dezembro de 1896, Freud escreve: “Longe no passado se encontra minha criança ideal, a criança de minhas dores, a metapsicologia” (S. Freud, 2006, p. 276). A invenção da metapsicologia vinha comemorar o primeiro ano de vida daquela que será sua criança ideal. De sua filha, ele observou e anotou os sonhos desde pequena. E não só dela. Afinal, o *fort-da* vem também das observações feitas por outra filha, Sophie, durante tempos a preferida do pai, que anotava o que dizia seu filho e o transmitia a esse pai, para agradá-lo, avô observador, sobre o que refletiu longamente Jacques Derrida (2014, 2019), analisando Freud e bem além. Aliás, num mundo e numa época onde apenas o sobrenome do pai é transmitido, Freud consegue impor ou obter que suas filhas conservem o seu? Inclusive a última, que assinará apenas AnnaFreud em um só nome, sua *Antígona Freud* (Prado de Oliveira & Schmitt, 2022, pp. 137-147).

Em 3 de agosto de 1915, com 21 anos, Anna escreve ao pai contando ter sonhado com uma grande taça de café com creme chantilly, sonho que lhe lembrou outro, de seus 19 meses, com morangos e morangueiras (S. Freud & A. Freud, 2012, p. 148), sonho que o pai anotou e discutiu, primeiro em carta a Fliess, de 31 de outubro de 1897 (S. Freud, 2006); em seguida em 1900, estudando a interpretação dos sonhos, demonstrando que o sonho é uma realização de desejo (S. Freud, 1991a, p. 135); ainda em 1901, para mostrar o que podemos aprender com sonhos cuja compreensão parece fácil (S. Freud, 1991a, p. 657); enfim, pouco depois dessa carta de Anna, em 1916, discutindo os sonhos infantis (S. Freud, 1916/1991b, p. 131). A teoria, o sonho, a vida de família, todos entrelaçados, e um papel central para a filha de seus sonhos. Em 4 de agosto de 1921, ela escreve ao pai contando que analisa um dos sonhos de seu sobrinho, filho de Sophie, Heinerle, de quem ela se ocupa e já analisa ao mesmo tempo. Ele é como um filho que ela gostaria de ter tido e que ela termina considerando como “um pedacinho” dela (S. Freud & A. Freud, 2012, p. 187). Filho dela com quem? Nessa mesma carta, Anna anuncia ter começado a analisar um de seus sonhos sozinha pela primeira vez. Em 6 de agosto, Freud lhe responde a respeito do sonho do neto mencionado por ela. Freud pensa ser um sonho que a própria mãe do garoto, Sophie, já havia mencionado e começado a analisar antes de sua morte, sonhado quando a criança tinha ainda 3 anos e 5 meses. “Em suma, um verdadeiro sonho de castração”, conclui Freud, não sem certa violência. No dia seguinte, é a vez de sua filha responder-lhe ter escrito “mais de 12 páginas” a respeito de outro sonho (dela) de cena primitiva, sobre a qual pai e filha, analista e paciente, já haviam conversado, escreve ela. Entre outras coisas talvez, ela deduz, aos 24 anos, começar enfim

a acreditar em seu pai, que lhe diz que, em autoanálise, para analisar os próprios sonhos, só por escrito, prossegue. E comenta ter tido nesse mesmo dia a primeira crise de enxaqueca da sua vida, esperando nunca mais ter uma – o que sabemos, não será o caso. Já se passaram três anos dessa análise. Quantas perguntas, também entrelaçadas, tudo isso provoca! A família Freud parece viver uma vida de sonhos. Lou Andreas-Salomé propõe disso tudo uma interpretação magistral a Freud, com uma só palavra, puro significante, e entretanto enraizado em tudo que vê e observa, significante vivo, palavra plena.

Lou Andreas-Salomé

“A relação Anna-Lou, quase analítica, nunca o foi no sentido tradicional...” Podemos nos perguntar o que teria sido nessa época o “sentido tradicional”. Como para se corrigir, Young-Bruehl menciona imediatamente que Lou “medita com frequência em voz alta, alongada em um divã, Anna sentada a seus pés” (1991, p. 101). Outras vezes é Anna que se alonga e fala. Já é uma análise mútua, invenção de Freud (S. Freud & Eitingon, 2009, p. 873). Como chegamos a essa análise?

Em 28 de abril de 1912, Karl Abraham escreve a Freud elogiando Lou Andreas-Salomé, de inteligência nunca vista em relação à psicanálise (S. Freud & Abraham, 2006). Em 2 de outubro, Freud comunica a Sándor Ferenczi a decisão da escritora de estudar psicanálise em Viena (S. Freud & Ferenczi, 1992). Entre 26 de outubro desse ano e 6 de abril do ano seguinte, ela participa de quase todas as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, torna-se íntima de Ferenczi e mais ainda de Victor Tausk, a respeito de quem escreve com frequência (Andreas-Salomé & S. Freud, 1970). A proximidade entre ambos desencadeia o ciúme de Freud (pp. 332-333). Desde que se conhecem, Freud faz tudo o que pode e até o que não pode para seduzi-la, inclusive declarações de amor (p. 17). A leitura paralela das cartas de Freud para ela, Abraham, Ferenczi e Anna Freud revela a intimidade que se estabelece entre o psicanalista e a escritora. Em meados de setembro de 1921, Freud a convida para uma estadia em sua casa. Ele parece esperar poder confiar sua filha a uma analista experiente, que retome seu tratamento, cujos resultados não lhe agradavam. Entre 9 de novembro e 20 de dezembro, Andreas-Salomé mora com os Freud. Ela e Anna passam muito tempo no quarto, conversando. Uma tem 60 anos, a outra 26. Quando ela parte, Freud escreve a seu filho Ernst dizendo que Anna “trabalhou analiticamente” com ela (S. Freud, 2012, p. 296). Ela torna-se íntima da família, em particular do pai e da filha. Permite-se interpretar Freud, o que faz com consumada arte de concisão, através de uma única palavra, que se desdobra, poética, significante puro. Em 6 de setembro de 1921, adivinhando

talvez uma das razões de Freud para convidá-la, ela lhe escreve uma primeira vez sobre sua *Annafilha* (*Annatochter*). Como seu amigo parece não lê-la ou não compreendê-la, já depois da sua estadia com a família, ela insiste em 2 de março de 1922. Freud acaba integrando a interpretação. Em 13 de março, ele responde exprimindo a falta que lhe faz sua *Annafilha*, lamenta que ela ainda viva em casa com “seus velhos”, não admite que ela possa deixá-lo algum dia, como não admite parar de fumar, comparando a filha a um charuto. Conclui: “Por causa de todos esses conflitos sem solução, é bom que a vida acabe um dia destes” (Andreas-Salomé & S. Freud, 1966, pp. 118, 122 e 124). “É bom que a vida acabe” é um significante da posição de Freud diante da interpretação clarividente, de seu desespero e tristeza, mas é também uma ameaça à analista amiga, que não se intimida e continua a interpretar, ameaça descrita por Ferenczi como “terrorismo do sofrimento” (1990, p. 82). Ela prossegue, entretanto, e com frequência se refere a Anna como *Annafilha*.

Podemos aqui lembrar ter Freud trabalhado durante 10 anos, entre 1886 e 1896, no Instituto Público de Doenças Infantis de Viena, dirigido por Max Kassowitz, onde o tratamento para meninas que se masturbavam, como Anna, era a ablação do clitóris, dos lábios vaginais ou de ambos, ablação considerada como castração (Bonomi, 1998, p. 31). Quais seriam os efeitos dessas lembranças na atualidade da análise de Anna, em que não se fala em transferência e contratransferência, muito menos em desejo do analista?

No começo, as cartas entre Anna e Lou são apaixonadas, eróticas até. Depois se tornam mais analíticas, sem nunca perderem sua dimensão de sedução evidente. E se a sedução fosse uma técnica analítica aprendida pela escritora com Freud – técnica para ela natural e para ele também? O fato é que uma das primeiras cartas que Anna envia à nova amiga contém uma passagem importante para a compreensão da análise com seu pai. Em 18 de maio de 1922, após ter ela mesma passado uma semana junto a Andreas-Salomé, em sua casa, ela confessa ter devaneado “uma história de amor” com uma mulher, história na qual ela não parou mais de pensar. Ela quis escrevê-la, mas o pai achou melhor que a abandonasse e se concentrasse em seu trabalho para a Sociedade Psicanalítica de Viena. Não foi essa a primeira vez que Freud evitou ler o que a filha lhe escrevia sobre sua homossexualidade. Baseada na troca de cartas entre pai e filhas, Roudinesco (2012, pp. 12-13) assinala que, quando Sophie se casa, Freud se engana quanto à pessoa invejada por Anna, que não é sua irmã, mas seu marido (S. Freud, 2012, pp. 88-89). A leitura de uma carta de Freud a Sophie mostra que ela convidara Anna para passar um tempo com o casal, em sua casa. Freud intervém e impede que Anna o faça, respondendo à filha que não fica bem uma jovem residir com um casal recém-casado, o que pode deixá-la nostálgica e insatisfeita – “ein Mädchen gewiß

sehn süchtig u unzufrieden” (S. Freud, 2010, pp. 479-480; 2012, p. 426).² Anna, para ele, aos 18 anos, é sempre uma criança (*das Kind*). Roudinesco apresenta a lista de seus pretendentes afastados pelo pai: Ernest Jones, August Aichhorn, Siegfried Bernfeld, Hans Lampf. Acrescentemos Max Eitingon, que não a solicitou como esposa, mas como amante, embora alguns historiadores a considerem uma “vestal” (Bittner, 2003, pp. 20-21). Talvez em Viena, no começo do século 20, as vestais se masturbassem compulsivamente. O fato é que Eitingon insistiu bastante para que Anna se tornasse sua amante e que ela sofreu muito quando ele parou de insistir, tendo recaídas severas em seus antigos sintomas (A. Freud, 2003, p. 188).

Lendo com atenção a correspondência de Freud com suas filhas e filhos, vemos que ele invadia bastante suas escolhas matrimoniais, se metia, opinava, intervinha. Freud agia mais como uma mãe judia do que como um patriarca. A menos que os patriarcas tenham muito de matriarcas. Mathilde e Sophie, por exemplo, lhe impuseram seus casamentos, casando-se quase às escondidas, o que confirma o biógrafo Michael Schröter (S. Freud, 2012, pp. 29-38 e 403-576). Como puderam elas fazê-lo sem contar com o apoio da mãe, das tias, da avó materna? Seriam os ciúmes intensos de Anna em relação a Sophie a sombra de outros ciúmes recalcados entre Martha, Minna e outras mulheres da família? Não é só de sua irmã que Anna é ciumenta. Ela tem ciúmes da mãe que detesta, da tia, das irmãs, das pacientes e amigas do pai, de todas as mulheres que se aproximam dele (Young-Bruehl, 1991, pp. 114-115). De onde viriam tantos ciúmes, tantos sentimentos violentos? O que uma geração não cuida é transmitido à geração seguinte como sintoma. Anna corajosamente também escolherá sua parceira sem informar o pai e provavelmente ninguém de sua família. Nela, quem aceitaria escolha homossexual sem discussão?

Em 1924, quando os Freud retomam sua análise, Anna o comunica imediatamente à sua amiga analista, descrevendo a persistência de seus sintomas. Lou não hesita em comentar o que acha da retomada. Essa análise é “uma proeza”. Ela pensa com frequência nesse “terno presente paternal, fruto do *rigor*”, “amor alado que olha para baixo os fardos do amor comum, cujas raízes mergulham em suas origens e lutam ainda com elas”, exigindo tanto mais de Anna quanto as sessões se dão no avançado da noite, trazendo-lhe dificuldades para dormir (Andreas-Salomé & A. Freud, 2006, pp. 258 e 264-265).³

2 Os responsáveis pela correspondência entre Anna Freud e o pai atribuem a essa carta a data de 31 de março de 1913, quando ela é de 21 de abril de 1913.

3 *À l'ombre du père* [À sombra do pai], título francês dessa correspondência, é uma versão infeliz do título original alemão, “... als käm ich heim zu Vater und Schwester”, que literalmente diz: “... como se estivesse voltando para casa, para meu pai e minha irmã.”

Apesar da apreciação ditirâmbica, Lou ressalta que, mesmo alado, esse amor carrega fardos ligados a suas origens, com os quais luta. Para bom leitor, uma palavra basta: essas origens são edipianas. Se Anna recebe o que diz a amiga, ela faz como o pai e logo afasta suas implicações.

Você tem razão em supor que nossas sessões de análise noturnas são algo de muito estranho devido precisamente à ausência de terceiro útil à transferência, que serve a relançar e a liquidar os conflitos. O trabalho, porém, não cessa de avançar, muito seriamente mesmo e em profundidade: ele realiza progressos mais rápidos e encontra menos resistência que a fase anterior, há anos.

Após evocar a presença de Eitingon, que a lembra do necessário rigor, com o qual ela se “acomoda”, Anna lembra também seus fantasmas, que não testemunham um grande progresso da análise, considera ela, e insiste em sua satisfação com seu aprendizado e experiência da análise, “em si muito bonitos”, os conceitos abstratos tornando-se concretos, conclui (pp. 267-268). A aceitação das observações da amiga é anulada, só subsistindo o que ela imagina que lhe traz sua análise. E como não haveria terceiros? Tanto Lou quanto Max não o teriam sido, desempenhando cada um deles papéis de interlocutores privilegiados em diferentes momentos de sua vida e de suas análises? Anna afirma uma inexistência, quando o fato de escrevê-lo e dirigir a carta, significativa, se opõe ao que ela escreve.

Dorothy Burlingham

Seu nome inteiro é Dorothy Tiffany Burlingham. Tiffany é o nome de uma das ricas famílias, muito conhecidas, dos Estados Unidos. Tiffany dos vidros desenhados, coloridos, art nouveau. Tiffany: as joias, a arquitetura, o estilo, as roupas. Dorothy Tiffany Burlingham chega a Viena em 1925, após uma muito breve estadia na Suíça. Ela viajou com os quatro filhos, buscando um tratamento para o mais velho, Robert, chamado Bob, cujo pai sofria de problemas maníaco-depressivos graves, sendo por vezes hospitalizado em psiquiatria. Dorothy Tiffany Burlingham deve temer que o mesmo aconteça com o filho, que sofre de asma. Para tratá-lo, ela abandona marido, país, família(s), a dela e a do marido. Ela consulta Anna Freud, que, claro, aceita o garoto em análise, aconselhando-a a entrar em análise com Theodor Reik. A ideia foi excelente, quase um princípio metodológico de análise de crianças. Só que Reik estava de partida para Berlim, para fazer uma análise com Abraham. Freud, sabendo disso, chama Dorothy Tiffany Burlingham para fazer uma análise com ele próprio. Por que não? Em breve, os quatro filhos de sua paciente estão

em análise com sua filha, e a mãe, com ele. Ainda em 1925, Anna e Dorothy se aproximam muito. De fato, formam rapidamente um casal, que nunca mais se afastará. Além disso, por um sim e por um não, Anna retoma a análise com seu pai. Então temos uma situação em que o pai analisa a filha e sua companheira, enquanto a filha analisa os quatro filhos dessa íntima amiga. Em breve, dispondo de um raro Ford T, e mesmo com dois quando necessário, a rica herdeira norte-americana leva a todos – inclusive seu analista, claro – para passear nos bosques de Viena. Em um carro vão o pai-analista, sua filha e sua paciente; em outro, as crianças e a governanta. Em breve também, as duas amigas compram uma casa de campo, a primeira das que terão juntas, onde criarão as crianças sempre em análise com – como dizer? – sua analista madrasta. Em 11 de janeiro de 1929, Freud escreve a seu amigo Ludwig Binswanger a respeito de seus planos de férias: “Nossos laços simbióticos com uma família americana (sem marido), cujos filhos são seguidos analiticamente por minha filha com mão firme, tornam-se cada vez mais sólidos, de tal maneira que nossas soluções para o verão são comuns” (S. Freud & Binswanger, 1995, pp. 278-279). Os “laços simbióticos” são a tradução e o desdobramento do que Andreas-Salomé apontara como *Annatochter*.

Além do recalque comum, que consiste simplesmente em não contar direito a história da paixão entre essas duas mulheres, reduzindo o casal a uma amizade “pessoal e profissional”, há outra forma de recalque, que consiste em aparentemente se interessar e discutir sobre a existência ou não de relações sexuais genitais entre elas, como se estas resumissem os segredos da criatividade, do amor, do carinho, da intimidade, do erotismo de um casal. Inexistem casais sem sexo genital? O recalque da história completa dessas duas mulheres é um dos capítulos da exclusão das minorias da história da psicanálise, o que foi reconhecido pela Associação Psicanalítica Internacional ao criar seu Comitê de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Gênero. Entre as muitas e muitas coisas que esse casal criou, está seu trabalho em tempo de guerra, salvando crianças judias dos campos de concentração e dando assim o exemplo tão seguido em tantas partes. São elas, provavelmente, as únicas psicanalistas a terem publicado juntas, ainda em 1943, um livro cujo editor foi a Medical War Books: *War and children* [A guerra e as crianças]. Tampouco podemos esquecer que a Clínica Hampstead, criada por elas, tinha como objetivo primeiro os cuidados a serem dispensados às crianças traumatizadas pelos bombardeios nazistas sobre Londres.

Os Freud acrescentam depressa a rica norte-americana à sua família. Em 8 de junho de 1926, Freud escreve para Eitingon mencionando as crianças de sua filha Anna (S. Freud & Eitingon, 2009, p. 451). São as crianças de Dorothy. Uma carta de Ferenczi a Freud mostra, desde 30 de agosto de 1926, que Dorothy já fazia parte da família Freud, pois ele transmite saudações para

Minna, Anna e a Sra. Burlingham, enquanto uma outra carta de Freud para Ferenczi, de 13 de dezembro de 1926, relata os passeios de carro e a intimidade recente com a nova amiga da família (S. Freud & Ferenczi, 2000). Muitas cartas entre esses três amigos se referem a Dorothy. Em 7 de setembro de 1926, para Marie Bonaparte, Freud escreve: “As relações de vizinhança com Mme. Burlingham se intensificaram e atingiram uma intimidade sem véu” (S. Freud & Bonaparte, 2022, p. 160). Muitas de suas cartas para sua amiga francesa mencionam Dorothy com preocupações familiares. Em 16 de abril de 1927, escrevendo para a filha, Freud dá ao novo casal sua bênção: “Estou muito feliz pela maneira como se passa a viagem de vocês. Parece que vocês estão satisfeitas, todas as duas (S. Freud & A. Freud, 2012, p. 441). A respeito dessas mesmas férias, Anna descreve a Eitingon um idílio bastante romântico, não tanto desejado por ela, mas encorajado pelo pai (A. Freud & Eitingon, 2025, p. 48). E a partir desse ano não há carta entre filha e pai na qual a companhia não esteja presente, não apenas mencionada, como nas cartas do pai, mas fisicamente presente, como nas cartas da filha em que Dorothy desenha, escreve mensagens pessoais, como quaisquer casais amorosos. Uma carta de Anna a Eva Rosenfeld mostra suas preocupações parentais com uma das filhas de Dorothy (A. Freud, 2003, p. 133). Quase todas as cartas a essa amiga testemunham a vida familiar íntima com Dorothy e suas crianças. Eva Rosenfeld foi cofundadora com ambas da Escola Hietzing, que começou em sua própria casa, em seu jardim (Danto & Steiner-Strauss, 2019). Em 6 de julho de 1928, Anna conta para Eva que “todos os dias” uma das filhas de Dorothy repete: “O ano que vem nós devemos ter três casas lado a lado, uma para a tia Eva. A escola será apenas um começo. Juntas deveríamos ter algo de ainda mais bonito, com todas as meninas e todas as crianças” (A. Freud, 2003, p. 135). Também podemos seguir os primeiros anos da intimidade entre Dorothy e Anna através dos relatos que esta faz a Lou. A partir de 1925, não há carta entre Anna e Lou que não mencione Dorothy. A leitura entrecruzada dessa correspondência mostra uma rica vida familiar entre Anna e Dorothy com suas crianças, a que acrescentaremos Ernst, filho de Sophie, praticamente adotado por Anna, e Freud, como avô atento à criançada. Entretanto, são para Max Eitingon as cartas em que o romance e a vida íntima de Anna e Dorothy mais claramente aparecem (A. Freud & Eitingon, 2025, pp. 47-48 e 65). E Martha? E Minna? O gato comeu. Uma das filhas de Freud tinha enfim conseguido dar-lhe uma grande família, com sólida segurança econômica. Ainda, em sua correspondência com Arnold Zweig, é em termos familiares que Freud menciona Dorothy (S. Freud & Zweig, 1973, pp. 74, 108 e 195). Curiosamente, Freud nunca escreve nada a Ernest Jones a respeito de sua nova família. Esse seu discípulo, de quem Freud disse tanto mal, foi o único a criticar com severidade a análise de sua filha por ele. Mais curiosa ainda é a carta de Freud para

Jones em que Freud parece negar por completo os fatos, pretendendo que se trata apenas de teoria (S. Freud & Jones, 1998, pp. 718-719). Os argumentos da banalidade da análise de crianças por pais na época, da falta de dinheiro de Freud para pagar uma análise, ou outras racionalizações consideradas “razões práticas” (Young-Bruehl, 1991, pp. 104-106) esquecem os sonhos incestuosos de Freud (S. Freud, 2006, p. 315; S. Freud & Abraham, 2006, p. 51) e o que tais sonhos podem implicar de simbioses e confusões de sentimentos.

Quanto à análise das crianças por Anna, podemos ler em uma de suas cartas para Lou seu primeiro encontro com Bob, filho mais velho de Dorothy, razão da aproximação entre a mãe e a analista apaixonada. Em 10 de setembro de 1925, Anna escreve: “A partir de hoje, tenho aqui, nas montanhas, um pequeno paciente de 10 anos. (Tenho um pouco de medo dele.)” (Andreas-Salomé & A. Freud, 2006, p. 392). Bob sofria de asma. No final de janeiro do ano seguinte, ela analisa também sua irmã, Mary, apelidada Mabbie. Anna Freud escreverá muitas vezes que essa análise fez progressos rápidos e foi muito boa. Ainda na carta de 1925, ela menciona as primeiras sessões com Katrina, chamada Tinky, irmã menor de Bob e Mabbie. Finalmente, em 11 de dezembro de 1927, Anna escreve que analisa “as crianças Burlingham” – todas elas, incluindo o menor, Michael, dito Mikey. Quando anuncia a análise de Tinky, ela comenta ter muitas “alegrias extra-analíticas” com Bob (p. 420). Anna Freud (1981) relata essas análises em seus primeiros escritos, baseados quase exclusivamente sobre elas. Temos por vezes a impressão de que ela mistura sua própria análise com a análise de Mabbie ou Tinky. Podemos ainda estudar essas análises com o livro de Michael John Burlingham (1989, pp. 167-178). O medo inicial torna-se vontade de domínio, controle e simbiose. Os problemas ligados à asma tornam-se problemas de uma identidade feminina passiva, descritos como “uma mistura confusa de medos, nervosismo, mentiras e práticas infantis perversas” (A. Freud, 1981, p. 18). Para combater a feminilidade e a passividade, sua analista e madrastra aconselha, advoga e decide mandá-lo para um internato. Contrariamente a Bob, Mabbie reconhecia seus problemas. Ela declarava ter um demônio dentro dela e pedia ajuda à sua analista para tirá-lo. Mabbie conta sonhos e fantasmas ricos e longos (A. Freud, 1981, pp. 15-25, 34-41, 47-49 e 67-71). Reconstituímos também essas análises através da correspondência de Anna com Eitingon, escolhido por ela como supervisor epistolar. O que aprendemos? Em 19 de fevereiro de 1926, Anna lhe confia o seguinte: “Penso às vezes que quero não apenas curá-los, mas também, ao mesmo tempo, tê-los para mim, ou ter algo deles para mim”. Ela acha que isso não a atrapalha em seu trabalho. Acrescenta: “Em relação à mãe das crianças, as coisas não são muito diferentes”. Ela tem vergonha de confessá-lo ao pai. Tentou conversar com Lou, mas foi inútil. E conclui: “Isso é só um pequeno exemplo, mas na realidade sinto essa dependência (*Abhängigkeit*),

esse desejo-de-ter-algo (*Etwas-Haben-Wollen*) – mesmo deixando de lado minha vida profissional – em todos os cantinhos da minha existência” (citada por Young-Bruehl, 1991, pp. 121-122).

É claro que todos na Sociedade Britânica de Psicanálise conheciam essas histórias e acusavam os Freud. E é claro que o pai e os amigos defendiam a filha protegida, como lembra Ulrike May (2025, pp. 8-25). Encantados com o que ouviam ou liam, nem se davam conta de que as crianças em análise com ela eram os filhos de sua companheira, o que May parece querer ignorar. E Ernst, sobrinho de Anna, filho de Sophie? Ernst Halberstadt Freud cresceu, foi morar em Londres com sua tia como sempre havia morado. Quando adquiriu a nacionalidade inglesa, Anna o convenceu a excluir o nome do pai de seu novo nome, pai que ele nunca mais viu. Teria ele, enfim, sido adotado por ela? Se tornado aquele filho que ela tanto queria ter? Filho dela com quem? Ele viveu dividido entre a Inglaterra e a Alemanha, onde morreu sozinho.

O desejo de Anna Freud de ter seus pacientes para si, que ela imagina sem consequências, é tanto, que essas análises são intermináveis. Qualquer problema, dificuldade, mau humor, tudo é pretexto para recomençar as análises, sempre supostas inconclusas, em busca de uma miragem da análise terminada, perfeita. Anna retomava com as crianças a íntima parceria e experiência com o pai. Crescendo, se tornando jovens adultos, quando vão passar férias com as mães, a estadia é pretexto para a retomada das sessões. Quando Bob tem dificuldades conjugais, o problema é sempre sua identificação sexual. A asma não fora resolvida, e outros problemas surgiram: o fumo e a bebida. A vida de Mabbie não é nada melhor. Ela tenta outra analista, Marianne Kris, mas continua dependente de Anna Freud, que retoma suas sessões. Bob bebe e fuma tanto que, em 1970, tem uma crise cardíaca e morre. Seu irmão e suas irmãs acreditam ter sido um suicídio disfarçado. Em 1974, Mabbie se suicida em Maresfield Gardens, na casa para a qual se mudaram os Freud quando chegaram à Inglaterra, onde moravam com suas duas mães. No dia seguinte, Dorothy vai trabalhar como se nada tivesse acontecido (Burlingham, 1989, pp. 308-310). Em novembro de 1979, morre Dorothy. Em outubro de 1982, sua companheira a segue. Em ambos os funerais, de comum acordo, a mesma música lenta, imponente e doce foi tocada: o “Adeus”, da *Canção da Terra*, de Gustav Mahler, cuja última estrofe abre com as palavras “Meu coração está em paz” e termina repetindo “Sempre... Sempre... Sempre... Sempre”. Hoje em dia, no Museu Freud, em Londres, os quartos de ambas se confundem (Mossop, 2024, pp. 139-156).

No mesmo ano em que Freud escreveu para Binswanger sobre sua “família simbiótica”, 1929, Ferenczi escreveu sobre as crianças mal acolhidas e sua pulsão de morte. Talvez então ele oferecesse pistas para compreender o que se passou entre os Burlingham e os Freud, de quem era íntimo. Tanto Anna

quanto as crianças Burlingham parecem ter sido mal recebidas, tendo sido prisioneiras de histórias familiares que as soterravam. Para Ferenczi, a pulsão de morte se inscreve na família e no acolhimento da criança (1929/2011, pp. 55-60), uma sugestão talvez de Freud com a hipótese do *fort-da*.

Na história da psicanálise, o presente artigo é o único que menciona as consequências dessas análises em condições simbióticas, à sombra da crença na onipotência analítica. O suicídio decorre do que se recalca e não se compreende. O que teria levado Freud a analisar a filha? E a filha a reconduzir sua experiência, como o fez, com as crianças de sua companheira? Talvez essas perguntas ganhem em permanecer abertas, tantas e tantas razões tendo existido para isso. Nenhuma dessas análises proporcionou a essas cinco crianças boas condições para seu acolhimento. O que é certo é que os psicanalistas não podem indefinidamente continuar a não reconhecer sua história.

El análisis de Anna Freud por su padre: sobre la transmisión transgeneracional

Resumen: El autor parte del principio metodológico de la convergencia cronológica entre artículos psicoanalíticos, el primer análisis de Anna Freud y su desenlace homosexual. Estudia las consecuencias de este análisis en su práctica analítica y lo que se derivó de él. Sugiere cómo Ferenczi pudo haber teorizado lo que observaba.

Palabras clave: simbiosis, Freud, Burlingham, Andreas-Salomé, Ferenczi

Anna Freud's analysis by her father: on transgenerational transmission

Abstract: The author starts from the methodological principle of the chronological convergence between psychoanalytic articles, Anna Freud's first analysis and her homosexual outcome. He studies the consequences of this analysis on her analytical practice and what resulted from it. He suggests how Ferenczi may have theorized what he witnessed.

Keywords: symbiosis, Freud, Burlingham, Andreas-Salomé, Ferenczi

L'analyse d'Anna Freud par son père : sur la transmission transgénérationnelle

Résumé : L'auteur part du principe méthodologique de la convergence chronologique entre des articles psychanalytiques, la première analyse d'Anna Freud et son dénouement homosexuelle. Il étudie les conséquences de cette analyse sur sa pratique analytique et ce qui en a découlé. Il suggère comment Ferenczi a pu théoriser ce dont il était témoin.

Mots-clés : symbiose, Freud, Burlingham, Andreas-Salomé, Ferenczi

Referências

- Andreas-Salomé, L. & Freud, A. (2006). *À l'ombre du père: correspondance, 1919-1937*. Hachette.
- Andreas-Salomé, L. & Freud, S. (1966). *Briefwechsel: Sigmund Freud-Lou Andreas-Salomé*. S. Fischer.
- Andreas-Salomé, L. & Freud, S. (1970). *Correspondance avec Sigmund Freud, suivie du Journal d'une année (1912-1913)*. Gallimard.
- Bittner, G. (2003). Lettres d'Anna Freud à Eva Rosenfeld: le point de vue d'un psychanalyste. In A. Freud, *Lettres à Eva Rosenfeld* (pp. 15-40). Hachette.
- Bonomi, C. (1998). Freud and castration. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 26(1), 29-49.
- Burlingham, M. J. (1989). *The last Tiffany: biography of Dorothy Tiffany Burlingham*. Atheneum.
- Colabone, M. R. & Prado, L. E. (2020). Para situar a pulsão de morte: ata esquecida da Sociedade Psicanalítica de Viena. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 201-210.
- Danto, E. A. & Steiner-Strauss, A. (2019). *Freud/Tiffany: Anna Freud, Dorothy Tiffany Burlingham and "The best possible school"*. Routledge; Taylor & Francis Group.
- Deleuze, G. (2014). *Présentation de Sacher-Masoch*. Minuit.
- Derrida, J. (2014). *La carte postale: de Socrate à Freud et au-delà*. Flammarion.
- Derrida, J. (2019). *La vie la mort: séminaire (1975-1976)*. Seuil.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico* (A. Cabral, Trad.). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 4, pp. 55-60). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Freud, A. (1967). About losing and being lost. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 9-19.
- Freud, A. (1981). *Le traitement psychanalytique des enfants*. PUF.
- Freud, A. (2003). *Lettres à Eva Rosenfeld*. Hachette.
- Freud, A. (2020). Fantasias de surra e devaneios. In S. Freud & A. Freud, *Bate-se numa criança* (K. Michahelles & V. Ribeiro, Trans., pp. 73-99). Zahar. (Trabalho original publicado em 1922)
- Freud, A. & Eitingon, M. (2025). Briefwechsel Anna Freud und Max Eitingon (1926-1928). *Luzifer-Amor: Zeitschrift zur Geschichte der Psychoanalyse*, 75, 25-71.
- Freud, S. (1991a). *Gesammelte Werke* (Vol. 2). Imago.
- Freud, S. (1991b). Kinderträume. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (Vol. 2, pp. 124-135). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2006). *Lettres à Wilhelm Fliess: 1887-1904*. PUF.
- Freud, S. (2012). *Lettres à ses enfants*. Aubier.
- Freud, S. (2020). "Bate-se numa criança": contribuição ao conhecimento da origem das perversões sexuais. In S. Freud & A. Freud, *Bate-se numa criança* (K. Michahelles & V. Ribeiro, Trans., pp. 29-72). Zahar. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. & Abraham, K. (2006). *Correspondance complète: 1907-1925*. Gallimard.
- Freud, S. & Binswanger, L. (1995). *Correspondance: 1908-1938*. Calmann-Lévy.
- Freud, S. & Bonaparte, M. (2022). *Correspondance intégrale*. Flammarion.
- Freud, S. & Eitingon, M. (2009). *Correspondance: 1906-1939*. Hachette.

- Freud, S. & Ferenczi, S. (1992). *Correspondance: 1908-1914*. Calmann-Lévy.
- Freud, S. & Ferenczi, S. (2000). *Correspondance: 1920-1933*. Calmann-Lévy.
- Freud, S. & Freud, A. (2012). *Correspondance: 1904-1938*. Arthème Fayard.
- Freud, S. & Jones, E. (1998). *Correspondance complète: 1908-1939*. PUF.
- Freud, S. & Zweig, A. (1973). *Correspondance: 1927-1939*. Gallimard.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud* (J. C. Guimarães, Trad., Vol. 3). Imago.
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (D. D. Estrada, Trad.). Zahar.
(Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Laplanche, J. (2013). *Vie et mort en psychanalyse*. PUF.
- May, U. (2025). Einleitung. *Luzifer-Amor: Zeitschrift zur Geschichte der Psychoanalyse*, 75, 8-25.
- Mossop, H. (2024). Was Anna Freud a “friend of Dorothy”? A queer phenomenological historiography of Anna Freud and Dorothy Burlingham’s personal and professional relationship. *British Journal of Psychotherapy*, 41(1), 139-158.
- Prado de Oliveira, L. E. & Colabone, M. R. (2022). *Anos loucos: história da psicanálise às margens dos anos 1920: seguido do Diário de Sophie Halberstadt-Freud*. Autêntica.
- Prado de Oliveira, L. E. & Schmitt, H. (2022). Les femmes, le nom, Freud. *Topique*, 155, 137-147.
- Roudinesco, E. (2012). Les enfants de la psychanalyse. In S. Freud & A. Freud, *Correspondance: 1904-1938* (pp. 9-19). Arthème Fayard.
- Young-Bruehl, E. (1991). *Anna Freud*. Payot.

Recebido em 12/5/2025, aceito em 20/5/2025

Luiz Eduardo Prado
ledprado@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n2.17